



DUTRA, E. C. I.; BENASSI, C. A. “Jucipó e a ave encantada”: registro literário em Escrita das Línguas de Sinais (ELiS). **Revista Diálogos**. V. 4, N. 1, 2016.

“JUCIPÓ E A AVE ENCANTADA”

Registro literário em Escrita das línguas de sinais (ELiS)*

Emilene Cleide Inácia DUTRA¹
emilenedutra_12@hotmail.com
Claudio Alves BENASSI²
caobenassi@hotmail.com

¹ Acadêmica do curso de Pós-graduação *lato sensu* em Educação especial com ênfase em Libras. Faculdade do Pantanal (FAPAN). Pedagoga formada pela Universidade Estadual de Mato Grosso.

² Orientador Professor da Coordenação do Curso de Letras-Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Editor gerente da Revista Diálogos.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Primeiras palavras

A Língua brasileira de sinais (Libras) foi reconhecida pela Lei federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, sancionada pelo então presidente da República Federativa do Brasil, o qual, além de reconhecê-la como língua de modalidade visual motora, com sistema gramatical próprio e oriunda das comunidades visuais, dá disposições quanto ao atendimento do sujeito visual em sua língua de conforto (língua em que o sujeito se comunica confortável e majoritariamente), e também obriga a rede de ensino, em seus diversos níveis, a inserir a Libras como disciplina curricular.

Apesar de a LS estar presente no Brasil desde o império (DUARTE; BENASSI, 2015), foi na década de 80 que surgiram na Universidade Federal de Pernambuco os primeiros estudos acerca da presença da LS no Brasil (SABANAI, 2007) e, posteriormente, o seu reconhecimento pela Lei como a “Língua brasileira de sinais”.

As terminologias usadas para definir o sujeito que utiliza a Língua de sinais (LS), no caso do Brasil, a Libras, são diversas ao longo da história. Os relatos mais antigos estão na Bíblia Sagrada (Antigo e Novo Testamentos), em que aparece o uso das terminologias *surdo-mudo*, *surdo* e *mudo*, concepções quase sempre ligadas à ideia de doença ou possessão de *espíritos sofredores* (demônios) (DUARTE; HARDOIM, 2015).

No contemporâneo, a terminologia *surdo-mudo* caiu em desuso, pois com o avanço da medicina e do cuidado terapêutico, bem como da metodologia oralista (ensino e treinamento da oralidade para visuais), percebeu-se que todos os visuais submetidos à prática e ao treinamento oralista podiam desenvolver habilmente a oralidade. O termo *Surdo* passou então a ser usado (assim em caixa alta) para remeter à ideia cultural sinalizadora e ao uso da LS pelo sujeito. O termo evoca, também, segundo Strobel (2013), a ideia de povo.

Mas é com os pesquisadores Duarte e Benassi (2015) que surge uma nova terminologia para melhor definir o sujeito que não ouve, tendo por base a concepção linguística, ou seja, o potencial linguístico visual do sujeito, e não o seu caráter biológico de ouvinte e não ouvinte.

Queremos, com estas escritas, propor o uso do termo SUJEITO VISUAL e não mais sujeito surdo, queremos caracterizar o sujeito pela sua língua e não pela condição física biológica. Todo e qualquer sujeito é marcado pela língua, ou seja, pela sua constituição mais íntima, a comunicação com os outros e não pela “deficiência auditiva”. Venho, em nome de nossas experiências na esfera escolar e convívio social com estudantes e amigos SURDOS, propor uma nova terminologia conceitual até o momento não proposto por nenhum outro. A terminologia VISUAL vem não para questionar ou ressignificar uma cultura, muito pelo contrário, este termo vem para identificar o sujeito pelo seu potencial linguístico, sua marca social, sua forma natural de comunicação com o meio externo, ou seja, sua representação e valoração como SER HUMANO (DUARTE; BENASSI, 2015, p. 408).

Existe ainda a terminologia visossinalizante. Segundo Benassi (2015) é um desenvolvimento do conceito de sujeito visual. Visossinalizante, segundo Pereira e Benassi (2016, p. 02), é o indivíduo que apreende e compreende o mundo por meio da Língua de Sinais (LS) e nele se expressa sinalizadamente.

1.2. Os caminhos da pesquisa

A ideia de realizar essa pesquisa surgiu durante a realização das últimas disciplinas do meu curso de especialização. Numa das aulas, relatei que houvera escrito uma estória de um índiozinho chamado Jucipó Coró e a sua aventura na primeira caçada e o uso dessa estória em sala de aula. Ao ouvir o relato, o professor me instigou registrar por meio da Escrita das línguas de sinais (ELiS) essa estória, fomentando a inclusão do visual em sala de aula.

Desafio aceito, o próximo passo foi definir, então, os caminhos a percorrer para a realização dessa pesquisa que é de caráter descritivo do processo de criação, tradução e registro da estória em ELiS. Para tal, realizei

leitura e análise da “Lei da Libras”, de artigos a respeito da história das primeiras pesquisas acadêmicas da Libras e de terminologias dos sujeitos com surdez.

Outras leituras se fizerem necessárias ao longo do percurso, tais como do livro “ELiS: sistema brasileiro de Escrita das línguas de sinais”, da dissertação de mestrado “Proposta de Escrita das línguas de sinais” e da tese de doutorado “ELiS Escrita das línguas de sinais: Proposta teórica e verificação prática”, todos de autoria de Mariângela Estelita de Barros. Li ainda outros artigos que versam a respeito de Escrita de língua de sinais (ELS).

Este trabalho tem o objetivo de experimentar e divulgar a ELiS como uma forma de registro e de fixação de produção literária, como também de acessibilidade do sujeito visual à literatura por meio da ELS. Ainda, busca descrever o processo de criação e o registro por meio de ELiS da estória de “Jucipó e a ave encantada”.

Não dissertaremos, neste trabalho, a respeito de nenhuma corrente ou teoria literária, quer geral, quer da LS, pois, como já foi dito anteriormente, o objetivo é descrever o processo de criação e o registro por meio da ELiS da estória do indiozinho Jucipó Coró.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: introdução, dividida em três subtópicos, em que introduzi os assuntos Libras, terminologias usadas para definir o sujeito com surdez, descrição metodológica da pesquisa e introdução à história das ELS. Na sequência, desenvolvi o tema ELiS e, após, a descrição da produção e o registro da estória de Jucipó Coró.

A realização desta pesquisa se justifica, primeiramente, pela sua relevância para a área da ELS, mais precisamente da ELiS, em virtude da proposta de experimentação no registro literário; secundariamente, pela afetividade, desenvolvida no lúdico, que se efetiva a aprendizagem.

A ação de brincar impulsiona a criatividade da criança, de forma prazerosa, e a sua representação de liberdade, possibilitando por meio da imaginação romper as barreiras do cotidiano. Com isso, a criança articula, sonha, sente, decide, aventura-se e arquiteta soluções para os possíveis

desafios encontrados no decorrer do desenvolvimento de atividades lúdicas, o que a faz recriar seu mundo.

Esses momentos estimulam o raciocínio lógico da criança e ampliam sua capacidade de cooperação e libertação, permitindo-lhe estabelecer e entender regras constituídas por ela e pelo grupo. Também contribuem para a sua capacidade de solução de conflitos e de compreensão de pontos de vistas diferentes do seu, bem como de fazer-se entender e de coordenação do seu ponto de vista com o outro:

[...] O jogo é para a criança um fim em si mesmo, ele deve ser para nós um meio (de educar), de onde seu nome educativo, que toma cada vez mais lugar na linguagem da pedagogia maternal (GIRARD,1908, p. 199).

Assim, Girard (1908) esclarece a ideia do jogo educativo como um meio de instrução para o ensino ao postular que, quando uma criança brinca, ela expressa todos os sentidos e, portanto, adquire uma aprendizagem espontânea e prazerosa.

Por fim, julguei pertinente não colocar a obra que serviu de fio condutor para a realização desse trabalho em anexo. Decidi colocá-la como um tópico do trabalho e, na sequência, realizei as considerações finais, encerrando, assim, a pesquisa.

1.3. Rememorar é viver: um pouco da história das ELS

A ideia de se grafar as LS não é recente. Segundo Benassi (2014), a primeira ELS de que se tem registro foi desenvolvida pelo educador francês Roch-Ambroise Auguste Bébien (1789-1839). A *Écrire les signes* foi criada por ele no início do século XIX. De acordo com Alves e Benassi (2016, p. 05), “Posteriormente, o linguista norte-americano, Willian C. Stokoe, desenvolveu um sistema de ELS que não se fixou pelo excesso de caracteres”.

Stokoe e sua equipe de linguistas da *Gallaudet University* criaram um sistema de notação para a ASL que parte de cinco elemento: (I) lugar de realização do sinal, com 12 elementos; (II) as Configurações de Mãos, com 10

elementos; (III) os movimentos indicando ação, com 22 símbolos; (IV) a orientação, com quatro elementos; e (V) sinais diacríticos com duas possibilidades (STUMPF, 2008, p. 25).

No Brasil existem três sistemas de ELS correntes. Um deles, o *Sign Writing* (SW), é o sistema mais divulgado e usado no mundo até o presente momento. Esse sistema de ELS foi criado por Valérie Sutton, em 1981, com base no sistema de Escrita dos movimentos da dança, chamado de *Dancing Writing* (BENASSI, 2014).

Além deste, existem a ELiS e o Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL), ambos sistemas brasileiros. O SEL foi criado pela professora Adriana Lessa-de-Oliveira, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, em 2009, e a ELiS foi criada em 1997 pela professora Mariângela Estelita de Barros, da Universidade Federal de Goiás. A ELiS foi reformulada em 2008 (BARROS, 2015, p. 15).

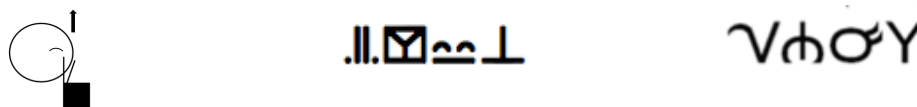


Figura 01. Da esquerda para a direita: sinal VER, escrito em SW, em SEL e em ELiS. Fonte: Escrito pelo orientador.

Contudo, o assunto ELS no Brasil é um tema por certo controverso. Segundo Aguiar e Chaibue (2015) ainda não se pode falar em um sistema oficial, pois:

Ainda não temos uma proposta de escrita de sinais considerada oficial. No Brasil, despontam o *Sign Writing* e a ELiS. Estudos ainda devem ser aprofundados para saber se é mesmo necessário escolher uma como a mais adequada à nossa realidade ou ainda demonstrar que as duas são muito úteis em contextos determinados (AGUIAR; CHAIBUE, 2015, p. 25).

Além do fato de não termos um sistema de ELS adotado pela área educação de visuais, lidamos com a não aceitação dos sistemas de ELS correntes no Brasil. A origem norte-americana do SW e o entendimento errôneo da ELiS como um sistema muito abstrato de ELS concorrem para a não fixação da ELS no Brasil pelas comunidades visuais. A concepção de

muitos profissionais de que o melhor registro para as LS é o vídeo-registro, e não a escrita, ignora o fato de que a sociedade brasileira é capitalista e grafocêntrica, ou seja, sobrevive do capital e valoriza a escrita, conseqüentemente, valoriza o sujeito que escreve (GNERRE, [1985]2009).

Há de se ressaltar, como o faz Cardoso e Chaibue (2015), muitos estudos nesta área estão acontecendo no Brasil e fora daqui. Isso leva a comunidade visual (composta por visossinalizantes, família e profissionais) a se emancipar e a participar das decisões que a afeta. Pelo quadro que aparece hoje, a escrita de LS figura como forte participante dessa nova fase de estudos da área.

2. CONHECENDO O SISTEMA BRASILEIRO DE ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS (ELiS)

Como já mencionado anteriormente, a ELiS foi criada pela brasileira Mariângela Estelita Barros, em 1998, com o intuito de servir como registro para as LS. O sistema, atualmente, conta com 95 símbolos gráficos. Na ELiS, não são usadas as letras do alfabeto latino ou de qualquer outro alfabeto que represente os sons das línguas orais.

O sistema usa letras próprias para representar os elementos dos cinco parâmetros que são elementos visuais, e não sonoros. Por exemplo, na Libras, nariz é um de seus pontos de articulação, ou seja, nariz é um elemento linguístico, portanto, a ELiS tem uma letra (visografema) para representá-lo: **O**. O movimento abrir a mão é outro elemento linguístico, e existe um visografema para representá-lo (**À**) (BARROS, 2010).

A ELiS usa 3 parâmetros da proposta de Stocke. São elas a Configuração de Mãos (CM), a Locação (L) e o Movimento (M). Barros (1998, 2008, 2015) acrescentou o parâmetro Orientação de Palma (OP) e incluiu as Expressões Não Manuais (ENM) no M. Assim, temos o alfabeto com 95 visografemas, organizados da seguinte forma:

A ELiS é um sistema de escrita de sinais linear, que conta com um total de 95 visografemas distribuídos em quatro categorias e a escrita de cada sinal obedece à mesma ordem dessas

categorias. A primeira remete a CD e possui um total de 10 visografemas. São eles: polegar \cdot , \nearrow , \leftarrow , \searrow , $-$, $|$ e demais dedos: \cdot , \uparrow , \uparrow , \searrow , $|$.

Para grafar a orientação da palma da mão - OP, são utilizados apenas 06 visografemas, compreendendo a representação da palma para frente, para trás, para a medial, para a distal, para cima, para baixo. São eles: \boxtimes , \boxminus , \boxplus , \boxdot , \boxminus , \boxplus , respectivamente.

As locações, aqui denominadas de ponto de contato - PC compreendem um total de 35 caracteres, distribuídos em 4 grupos: cabeça, tronco, membros e mãos. São eles: cabeça \square , \square , \uparrow , \downarrow , $=$, $=$, $=$, $=$, \perp , \perp , \perp , \perp , \circ , \circ , \circ , \circ ; tronco Π , \square , \square , \square , \square ; membros L , L , L , L , L , L , L , $\overline{\Pi}$ e por último, mão \square , \boxtimes , \boxplus , \square , \boxtimes , \boxplus , \square .

Quanto aos movimentos, podemos categorizá-los da seguinte forma: movimentos de braços: \perp , \top , \neq , \uparrow , \downarrow , \updownarrow , \rightarrow , \leftarrow , \leftrightarrow , $+$, $+$, \nearrow , \nwarrow , \searrow , \swarrow , \cap , \cup , \circ , \circ , movimentos de dedos e punho \perp , \top , \neq , \uparrow , \uparrow , \vee , \wedge , \wedge , L , L , L , L , movimentos que não utilizam as mãos \cdot , δ , \ominus , σ , ζ , π , \neq , \times , \circ , \odot , $+$, \circ (BENASSI, 2014, p. 06).

Barros, para simplificar o processo da escrita de LS, propôs representar a mão de forma desmembrada, ou seja, dedo a dedo. Na ELiS, isso é chamado de Configuração de Dedos (CD), o que promoveu em seu sistema redução de símbolos gráficos para a grafia das mãos que no SW ultrapassa o número de 600. Esse processo de grafia, proposto por Barros (1998, 2008, 2015), divide a CM em dois grupos diferentes de CD: um do dedo polegar e outro dos demais dedos.



| CD Polegar | CD Indicador | CD Médio | CD Anelar | CD Mínimo |
|--|--------------|----------|------------|-----------|
| \leftarrow | $ $ | $ $ | \uparrow | $ $ |
|  | | | | |
| CM  | | | | |

Figura 2. Escrita de uma CM em ELiS.

A ELiS é uma escrita linear, ou seja, ela é realizada na horizontal, da esquerda para a direita. O sistema representa, por meio de símbolos, os fonemas das Línguas de Sinais (LS). Esses símbolos são chamados de visografemas. Para escrever um sinal, ou visema, são necessários quatro

visografemas: 1) CD, representa o formato da mão para execução do sinal; 2) OP, representa a posição da mão; 3) Ponto de Articulação (PA), representa o local em que está sendo feito o sinal e 4) M, representa o movimento executado pelas mãos.

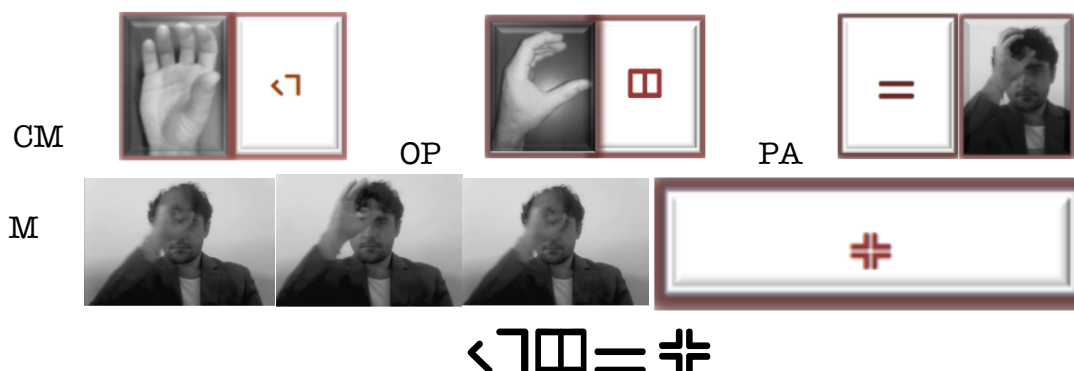


Figura 3. Exemplo de aplicação da estrutura básica da ELiS na escrita do sinal APRENDER. Fonte: <http://www.codimus.net/elis-ead/inicio/elis-modulo-i/estrutura-basica-da-elis/>. Consulta em 16 de maio de 2016.

Na ELiS, a estrutura básica da escrita, demonstrada na imagem acima, é imutável. Independentemente do tipo de sinal a ser escrito (monomaneal, bimanual, composto ou com mão de apoio), a escrita sempre obedecerá à ordem CD, OP, PA e Mv. Alguns sinais são escritos apenas com a CD, OP e PA, sem acrescentar nenhum visografema de Mv, porque o sinal não tem movimento, a exemplo do sinal "CASA":

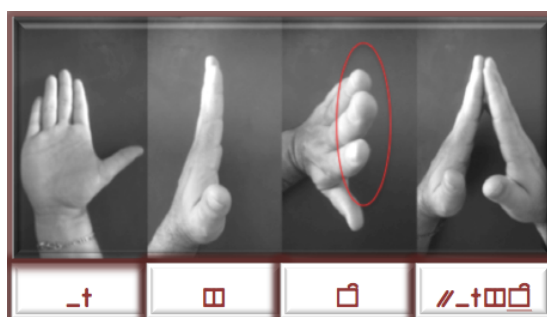


Figura 4. Exemplo da escrita do sinal CASA. Fonte: <http://www.codimus.net/elis-ead/inicio/elis-modulo-i/estrutura-basica-da-elis/>. Consulta em 16 de maio de 2016.

Ao contrário do que se pensa, a ELiS também grafa as Expressões Não Manuais - ENM. As ENM são representadas pela repetição dos movimentos, pelo uso do sistema de pontuação (! ? . ; ®) e, também, pelos

visografemas de movimento que não utilizam as mãos.

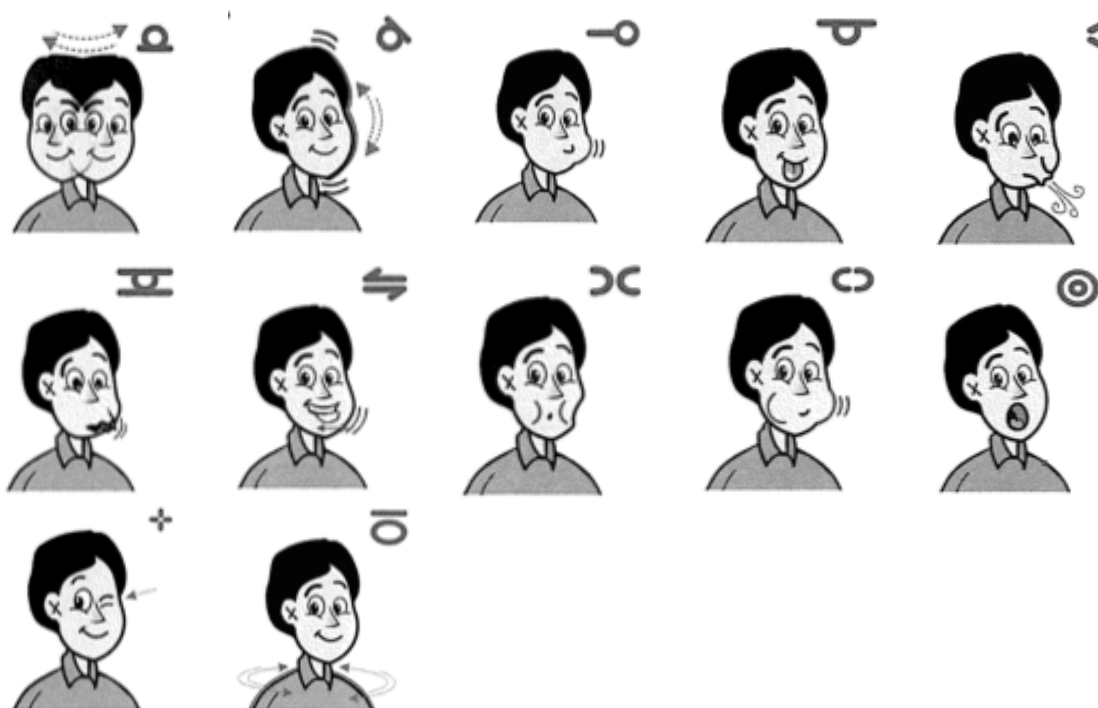


Figura 5. Visografemas que representam as ENM. Fonte: Benassi (2016).

Os visografemas da ELiS estão divididos em quatro grupos específicos: Grupo 1 - das CD, com 10 visografemas, sendo seis que representam o polegar e quatro que representam os demais dedos; grupo 2 - das OP, com seis visografemas; grupo 3 - dos PA, com 35 visografemas, divididos em quatro subgrupos, sendo eles cabeça, tronco, membros e mãos; grupo 4 - dos Mv, com 44 visografemas, divididos em três subgrupos, sendo eles movimentos de braço, movimentos de dedos e punho e movimentos sem as mãos. O grupo dos 95 visografemas é denominado de visograma.

A ELiS é ensinada no curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Goiás e, por isso, é a ELS mais difundida no Estado. Ainda não é ensinada em nenhuma escola do ensino básico, mas já houve alguns cursos básicos na Escola Centro Especial Elycio Campos, que se encontra dentro da Associação dos Surdos de Goiânia (BARROS, 2015).

A ELiS já foi testada com usuários de Libras surdos e ouvintes e, segundo Barros (2008), é uma escrita de língua de sinais que

traz empoderamento para a comunidade visual, faz com que o falante tenha uma reflexão metalinguística sobre sua língua e funciona como apoio educacional para esta comunidade (AGUIAR; CHAIBUE, 2015, p. 23). [**Destaque**]

Para finalizar, cabe ressaltar que, na Universidade Federal de Mato (UFMT), desde o ano de 2014, em que se implanta o curso de Letras-Libras-Licenciatura e se admite a primeira turma de graduandos nessa área, a ELS ensinada até o momento é a ELiS. A disciplina de Escrita de Sinais está alocada no segundo semestre do curso e é ministrada pelo professor mestre Claudio Alves Benassi.

O professor acima citado coordena um grupo de estudos da ELiS. O grupo é chamado de Círculo de Estudos de Escrita das Línguas de Sinais (CEELiS) e conta com dois polos de ensino: um presencial no campus de Cuiabá e outro telepresencial por meio do site www.codimus.net.

O CEELiS já promoveu dois eventos de exposição de trabalhos acadêmicos e pesquisa na área, sendo o primeiro em 2015 e o segundo em 2016. Os anais do I CEELiS (2015) podem ser consultados no link <http://www.codimus.net/anais/iceelis/> e os trabalhos do II CEELiS estão em edição e serão publicados em formato de livro eletrônico, segundo o professor Benassi em comunicação pessoal.

3. REGISTRO LITERÁRIO EM ELiS: DA PRODUÇÃO AO REGISTRO ESCRITO

3.1. Por dentro da in(ex)clusão do profissional da Libras

Os sujeitos visuais, assim como todo sujeito, também estão imersos no mundo das letras, muitas vezes, sem acesso a elas, pois a sua alfabetização é precária, devido à formação deficitária dos profissionais que atendem os visossinalizantes. Esse é um fator de exclusão desses sujeitos. É comum o despreparo desses profissionais para o atendimento dos sujeitos visuais.

Por ora, não adentro nesse aspecto, mas ressalto que o direito à aquisição do conhecimento é garantido por lei, conhecimento esse que fará o

visual se identificar como sujeito e agente transformador da sociedade. Contudo, o modelo atual está ainda muito longe de sanar as disparidades entre o sujeito ouvivisuais (ouvintes) e os sujeitos visuais. Conforme afirma Capovilla, o visossinalizante tem o direito de:

[...] desenvolver habilidades em sua língua primária de sinais e secundárias escrita. Tais habilidades incluem compreender e sinalizar fluentemente em sua língua de sinais e escrever fluentemente o idioma do país ou cultura em que ele vive (CAPOVILLA, 1997, p. 576).

Desse modo, garantir recursos importantes para a aquisição do conhecimento é garantir a todos a autoconfiança e o mesmo nível de ajuste social que se espera de um acadêmico ouvinte. No âmbito educacional, para que isso ocorra, é necessário que o ambiente escolar seja adequado e as atividades voltadas para esse fim sejam bem elaboradas e aplicadas.

No caso dos visuais, são necessários profissionais capacitados para alfabetizar e letrar a criança visossinalizante em Libras usando uma ELS. Como afirma Benassi (2015), sem a presença de tais profissionais na educação do estudante visual, as consequências poderão ser nefastas.

Os malefícios do processo de Alfabetização esquizofrênico, em que o visossinalizante aprende somente a escrita da Língua Portuguesa, sua L2, sem que a compreenda totalmente, sem que a utilize na sua comunicação diária, já pode ser sentido no âmbito universitário. Poucos são os visossinalizantes que conseguem ascender à formação superior, quando conseguem, não se mantêm no curso ou se mantêm no curso de forma precária e dependente, principalmente, quando da realização de atividades que envolvam a criação de textos em Língua Portuguesa (LP) (BENASSI, 2015, p. 08).

Nesse sentido, cabe a cada um de nós, ouvivisuais ou visuais, compreender o processo de aquisição de conhecimento pelo indivíduo visual desde sua alfabetização, garantindo a todos o direito de se constituir como indivíduo potencialmente ativo.

No âmbito educacional, a literatura é muito utilizada como forma de interação e integração do sujeito nos papéis exercidos pelos indivíduos na

sociedade. Para que a inclusão do sujeito visual e a ludicidade aconteçam, é importante haver interação e integração do sujeito visual num processo de alfabetização que seja capaz de torná-lo leitor das obras literárias na sua língua, a Libras.

No entanto, é necessário recorrer a um processo de inclusão bilateral, pois alguns relatos apontam para a inclusão do sujeito visual sem a consideração dos profissionais da educação que atuam na sua formação. Esse processo é desencadeado pela estratificação das chamadas “identidades surdas”.

Para que haja na educação uma inclusão bilateral eficaz, é necessário abandonar paradigmas preconceituosos entre ouvivisuais e visuais, em que um não aceita o outro como agente de mediação de conhecimento e de atuante entre culturas. É comum estudantes visuais que excluem os profissionais que atuam na sua formação com base na crença de que esses profissionais não têm a “cultura surda”. Segundo Benassi:

Em sala de aula já fui impedido de expor meu pensamento por ser considerado *professor surdo do Paraguai*, em função da minha perda auditiva e de ser considerado de identidade surda flutuante, aquela que está entre dois mundos (BENASSI, 2015, p. 09). [Grifo nosso]

É necessária uma reflexão sobre esses equívocos. O novo remove a zona de conforto e desconforto no momento da interação gera medo, desconfiança, repulsa. Entretanto, os estudos realizados por Benassi lançam luz sobre essas questões. Talvez, por ter sido “alvo” de preconceito da parte dos próprios sujeitos visuais, Benassi não se silenciou e, assim, defende a alfabetização do sujeito visual em sua própria língua, para que esse sujeito tenha autonomia em produzir seus próprios registros, deixando de ser mero apreciador de adaptações dos grandes clássicos da literatura mundial.

Assim, Benassi (2015) propõe a criação de uma literatura visossinalizada, inteiramente em e na LS, cuja poética se serviria dos elementos linguísticos da própria LS e de outros e representada por alguma ELS, sem ser subserviente à Língua Oral (LO) e a sua escrita, ou seja, não

elegendo a LO como base estética. Dessa forma, as poéticas reais e possíveis serão valorizadas e o sujeito visual poderá explorar e registrar seu imaginário e fantasia, bem como informações sobre seus modos de existir e sua LS.

3.2 Do devir a arquitetônica de Jucipó e a ave encantada.

Acreditando nessa perspectiva de Benassi (2015), e conhecedora do processo de aquisição do conhecimento na alfabetização há doze anos, sei da importância do lúdico. Por isso, encantei-me com a possibilidade de apresentar aos alunos visuais uma produção literária feita para eles em ELiS. Trata-se da estória “Jucipó e a ave encantada”, cujo processo de elaboração será descrito sob a orientação do pesquisador Claudio Alves Benassi, meu grande incentivador deste trabalho.

No ano de 2000, iniciando minha carreira profissional numa comunidade da cidade de Cáceres-MT, Fazenda Soteco, numa escola da rede municipal, deparei-me com dois alunos visuais com o ensino dos quais tive muita dificuldade, pois só conhecia o alfabeto manual. Os recursos didáticos com os quais tinha contato eram o quadro e o giz, por isso, fui construindo a estória chamada Jucipó Coró.

Trata-se de um indiozinho que na fase de transição da infância para a adolescência descobria um mundo novo. Era desse modo que me senti naquele momento diante do desafio do ensino de visuais. No mesmo ano, tomei posse no concurso público e me mudei para uma comunidade próxima, chamada Clarinópolis. Nunca mais tive contato com meus alunos visuais.

Passados 10 anos, senti a necessidade de me atualizar quanto aos conhecimentos da alfabetização e do letramento. Com o assunto inclusão cada vez mais em voga, procurei um curso de formação contínua e tive a oportunidade de cursar, pela primeira vez, uma especialização em Educação Especial com ênfase em Libras.

No curso conheci o professor Benassi, que, ao ler minha produção, viu uma direção para a minha pesquisa, e, na aula de ELiS, percebi a riqueza

desse recurso de fixação da linguagem sinalizada, descortinando, assim, uma possibilidade de alcançar os alunos visuais, oferecendo-lhes condições de figurar como leitores de produções pensadas para eles.

Desse modo, apresentei a proposta a Cleiton Ribeiro Costa para que pudesse ilustrar minha produção. Costa aceitou prontamente, iniciando o logo o trabalho de ilustração da obra. A ilustração da obra foi feita à mão, o que confere a mesma um tom artesanal próprio.

Dois cenários se contrapõem no enredo da obra. Um deles, a aldeia, que representa a vida cotidiana e o aspecto civil da vida humana. O outro, a floresta, traz a ideia do selvagem, da preservação e do desconhecido, seus medos, mistérios e suas divindades.

Quatro personagens figuram como as principais do acontecimento. O menino, o “herói” da trama; a mãe, que, no início, “introduz” o jovem no rito de passagem e, posteriormente, doutrina o rapazinho nos conhecimentos míticos que permeiam a aldeia. Ela simboliza a guardiã do credo, portanto, representa uma sociedade matriarcal. O terceiro personagem é a onça, que, na trama, desempenha o papel daquele a quem se deve temer, portanto, a vilã, e o último é a ave encantada, que simboliza o divino.

A estória se desenrola entre os dois cenários e constitui a aventura de um indiozinho que, na passagem da vida infantil para a juvenil, deve caçar uma presa. Nessa empreitada, Jucipó acaba por capturar a ave sagrada de sua tribo. Aconselhado pela mãe, o adolescente devolve a ave ao seu *habitat* e, assim, ganha a sua confiança e amizade. A estória mostra de forma clara a plurivocidade cultural que constitui nossos seres e evoca o respeito a diversidade.

3.3 O registro em ELiS.

Como apontado anteriormente, o professor Benassi foi um grande incentivador do desenvolvimento desse trabalho. Além de fomentar a pesquisa, por meio de sua rígida orientação, ele se dispôs para registrar em ELiS a estória “Jucipó e ave encantada”.

//_f^wq, _f^k^wq)-T. //N^wq)k^+, \.M_7i^ .I.^wq)q^← _m^e^..M^M.
 ...I^wq)k^←: - _m^e^..M^M! .I.^wq)k^→, \.M_7i^ /I^wq)k^:± I^wq)k^T!
 Correu feliz para aldeia para mostrar à sua mãe sua caça. - Mãe veja o que
 cacei!

_m^e^..M^M _m^I^wq)k^→: - ...I^wq)k^..I^wq)k^:±, <T^M^wq)k^:±
 <T^T^wq)k^M^k^← _f^wq)k^! \.M_7i^ //<T^I^wq)k^:±, #..#^wq)k^T /I^wq)k^o
 //I^wq)k^o, \.wq)k^ #^wq)k^±..#^wq)k^±→. ...I _f^wq)k^ \.M_7i^
 //<T^I^wq)k^:±, //I^wq)k^..I^wq)k^ N^wq)k^± //wq)k^± //I^wq)k^T.
 ...I^wq)k^..I^wq)k^:± _m^I^wq)k^... <T^wq)k^o <T^I^wq)k^± .I.^wq)k^± _f^wq)k^o
 \.M_7i^... //I^wq)k^±, .I.^wq)k^:± /I^wq)k^± _m^e^..M^M, I^wq)k^
 //_f^wq)k^±, <T^M^wq)k^:± <T^T^wq)k^M^k^←.



- Jucipó, volte onde pegou essa ave e a solte. Ela é sagrada para o nosso povo, se não soltar seremos amaldiçoados.

O indiozinho ficou muito triste, pois foi o único animal que havia conseguido caçar durante todo o dia... mas, como era obediente, voltou para a floresta.

.T^wq)k^± _f^wq)k^o)k^← //<T^wq)k^:±, \.M_7i^ /I^wq)k^:±, <T^wq)k^±
 \.M^wq)k^:±:

- ...I^wq)k^±, I^wq)k^ .I.^wq)k^..I^wq)k^ //_f^wq)k^±, .I.^wq)k^:± .I.^wq)k^
 /I^wq)k^± /I^wq)k^±T!

- ...I^wq)k^..I^wq)k^:± _f^wq)k^o)k^←
 T: /I^wq)k^±, \.M^wq)k^:±?

- .I.^wq)k^:±! \.M_7i^ .I.^wq)k^T. -

#..#^wq)k^T /I^wq)k^± //I^wq)k^o
 /I^wq)k^±..I^wq)k^ .I.^wq)k^ T^wq)k^±!
 .T^wq)k^± I^wq)k^ //I^wq)k^:±
 .I.^wq)k^←, \.M^wq)k^±, \.M^wq)k^±
 .I.^wq)k^± I^wq)k^±, .I.^wq)k^
 <T^wq)k^o)k^←T!



Ao chegar no mesmo lugar que capturou aquela ave, ouviu uma voz dizendo:
 - Não fique triste, pela sua obediência, serei sua amiga para sempre.



- Quem está falando?
 - Sou eu, a ave! É por isso que seu povo acredita que sou encantada.
 - Toda vez que precisar de ajuda, toque seu apito três vezes e eu irei até você!

- /t0LL↓ -t0ML7, // -t000↔''↑
 /\ .000L↑ // -t00, .L .L000←.

..000L:↑ ..00↔ -t000T: .7.0L↓ ...000L...L00T:↑ <700T:
 \ \ 000↑ // .000+ \ \ .007: \ \ .000L, \ \ .000L<° .000L .L .000L↓.

- Como está ficando escuro te mostrarei o caminho para sua casa.

E assim, os dois ficaram amigos inseparáveis e toda vez que Jucipó quer ver sua amiga, ele toca o apito três vezes.

//\00L - FIM

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da Libras como língua é recente, bem como os estudos acadêmicos e pesquisas relacionados ao tema. Recente também é o uso das ELS no Brasil. Quanto às pesquisas e aos estudos relacionados a sua aplicação na fixação da linguagem de sinais articulada, também, estamos em fase inicial.

A possibilidade de registrar uma produção literária pensada para incluir alunos visuais na minha sala de aula, por meio da ELiS, deixou-me entusiasmada, pois, para mim, era algo inusitado. A proposta foi aceita sem “pestanear”, pois fixar por meio da escrita uma estória produzida por mim nos anais da ciência era algo até então jamais pensando.

A possibilidade da “morte” da obra “Jucipó e a ave encantada” até o seu registro era uma ameaça real. Mesmo que eu registrasse a obra por meio do videorregistro, ainda assim, ela poderia se perder. No entanto, o registro por meio da escrita apaga a probabilidade de seu desaparecimento, pois, como diz o provérbio latino, as palavras voam, a escrita permanece (*verba volant, scripta manet*).

Esta pesquisa colaborou para o registro, preservação, geração e disseminação do conhecimento a respeito da ELS e das possibilidades de registro do conhecimento, bem como da arte em ELiS. Graças à experimentação proposta pelo professor Benassi, a pesquisa foi realizada e a obra “Jucipó e a ave encantada” será eternizada e viverá o tempo grande por meio da escrita.

Esta pesquisa não está fechada, encerrada em si. O ponto final que aqui coloco não significa um acabamento definitivo. Tanto o acabamento deste texto por mim efetuado e por todos que, posteriormente, o fizerem será provisório. A cada nova apreciação, novos olhares, novos acabamentos, novas significações e novas valorações surgirão. Nesse aspecto, essa temática poderá ser retomada por mim em algum momento posterior ou, quiçá, por um outro pesquisador.

REFERÊNCIAS

1. AGUIAR, T. C.; CHAIBUE, K. Histórico das Escritas de Língua de Sinais. In: **Revista virtual de cultura Surda**. Editora Arara Azul. Edição n. 15, mar. 2015. Disponível em http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes. Consulta em 22 de abr. 2016.
2. ALVES, R. da C.; BENASSI, C. A. **Ambiente Virtual de Ensino-Aprendizagem de Escrita das Línguas de Sinais (AVELiS): da concepção a (re)estruturação**. Monografia. Especialização em Educação Especial com ênfase em Libras. Cáceres: Faculdade do Pantanal, 2016.
3. BARROS, M. E. **Proposta de escrita das línguas de sinais**. Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 1998.
4. _____. **ELiS Escrita das línguas de sinais: Proposta teórica e verificação prática**. Tese. Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
5. _____. **ELiS: sistema brasileiro de Escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

6. BENASSI, C. A. Além dos sentidos: a Escrita das línguas de sinais como uma proposta de produção acadêmica do surdo. In: Seminário Educação, 2014: **Educação e seus modos de ler-escrever em meio à vida**. Cuiabá: 22, 2014.
7. _____. **Arquitetônica visoespacial: poéticas na e da Escrita das línguas de sinais (ELiS) na estética da criação visossinalizada**. Projeto de tese. Doutorado em Estudos de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 2015
8. CAPOVILLA, F.C. Filosofias Educacionais em surdez: oralismo, comunicação total e bilinguismo. **Ciência Cognitiva: teoria, pesquisa e aplicação**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 561-583, jul.-dez. 1997.
9. DUARTE, A. S.; BENASSI, C. A. **Curso de Libras. Básico**. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2015.
10. _____. Sujeito visual (surdo): um olhar contemporâneo. In: Seminário de educação 2015: **Educação e seus sentidos no mundo digital**. Cuiabá, 2015. Disponível em <http://sistemas.ufmt.br/semiedu2015/site/>. Consulta em 22 de abr. 2016.
11. DUARTE, A., HARDOIM, E. Signo ideológico: o surdo de Aristóteles ao visual da contemporaneidade. **Revista Diálogos**, Cuiabá, v. 3, n° 2., 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/revdia/article/view/3369/2366>>. Acesso em 16 de Mai. 2016.
12. DUTRA, E. C. I. **Jucipó e a ave encantada. Literatura visossinalizada**. Circulação restrita, 2000.
13. GIRARD, **A importância dos jogos nas séries iniciais**. Disponível em artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_6262/artigo_sobre_a_importancia_dos_jogos_nas_series_iniciais, 1908. Acesso em 26 de mai. 2016.
14. GNERRE, M. [1985]. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2009.
15. PEREIRA, V. M.; BENASSI, C. A. **Língua brasileira de sinais (Libras) no Mato Grosso: da regulamentação federal a implantação de ações em apoio a difusão da Libras**. Monografia. Especialização em Educação especial com Ênfase em Libras. Cáceres: Faculdade do Pantanal, 2016.

16. ROSA, F. S. Literatura surda: criação e produção de imagens e textos. In: **ETD - Educação Temática digital**: Campinas, v.7, n° 2, p. 58-64, jun. 2006.
17. SABANAI, L. N. A evolução da comunicação entre e com surdos no Brasil. **Revista HELB**. Ano 1, N. 1, 2007. Disponível em: [http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=92:a-evolucao-da-comunicacao-entre-e-com-surdos-no-brasil&Itemid=12]. Acesso em:
18. STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.
19. STUMPF, M. R. **Escrita de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2008. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distancia).